

Da coleção de José Carlos Rodrigues a patrimônio da nação: a Biblioteca Brasiliiana e Biblioteca Nacional

*From the José Carlos Rodrigues' collection to national heritage: the Brasiliiana
Library and National Library*

Paula Andrade Coutinho¹
Carlos Henrique Juvêncio²

Resumo:

Objetiva compreender a gênese do termo *brasiliiana*, enquanto gênero colecionista, a partir da coleção José Carlos Rodrigues/Benedicto Ottoni, custodiada pela Biblioteca Nacional, além da influência desta sobre a fabricação da ideia (narrativa) de nação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cuja discussão centra-se na gênese do termo *brasiliiana*, a partir da pesquisa documental nos jornais impressos, na revisão de literatura e debate teórico entre os autores, focando-se na capacidade das coleções passarem a ser percebidas como semióforo, ideia forjada por Pomian (1984, 1998) e reforçada por Chauí (2000), ao se debruçar sobre esse símbolo da Nação. Conclui que a *brasiliiana* de José Carlos Rodrigues contribui duplamente na constituição do patrimônio outorgado como nacional: ao ser documento/legado (bem cultural) e ao contribuir na forma de escrita da própria ideia histórica e cultural de nação brasileira.

Palavras-chave: Brasiliiana; José Carlos Rodrigues; Coleção Benedito Ottoni; colecionismo.

Abstract:

It aims to understand the genesis of the term *brasiliiana*, as a collecting genre, based on the José Carlos Rodrigues/Benedicto Ottoni collection, held by the National Library, as well as its influence on the fabrication of the idea (narrative) of nationhood. This is a bibliographical study, whose discussion focuses on the genesis of the term *brasiliiana*, based on documentary research in printed newspapers, literature review and theoretical debate between authors, focusing on the ability of collections to be perceived as a semiophore, an idea forged by Pomian (1984, 1998) and reinforced by Chauí (2000), when looking at this symbol of the Nation. She concludes that José Carlos Rodrigues' *brasiliiana* contributes doubly to the constitution of the heritage granted as national: by being a document/legacy (cultural asset) and by contributing to the writing of the historical and cultural idea of the Brazilian nation.

Keywords: Brasiliiana; José Carlos Rodrigues; Benedito Ottoni Collection; collecting.

¹ Professora substituta do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe. Museóloga (COREM 1R- 0345.I) e mestra em Museologia pela Universidade Federal da Bahia e doutora pelo Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: paulaacoutinho@yahoo.com.br

² Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense. Bibliotecário pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, mestre e doutor pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. E-mail: carloshjuv@gmail.com

1 Introdução

Atualmente existem significativas atribuições para o termo *brasiliiana*, assemelham-se por abordarem assuntos e bens culturais relativos à cultura e história do Brasil. São coleções, portais digitais, plataformas online, entre outros processos, cuja conexão é o patrimônio brasileiro, em sua maioria salvaguardados em museus e bibliotecas.

O gênero de colecionismo intitulado de *brasiliiana* apesar de atualmente ocupar em maior representatividade os espaços institucionalizados de museus e bibliotecas, originou-se através dos investimentos e incansáveis buscas de colecionadores privados. Sob a ótica geral, *brasiliiana* é a constituição de coleções formadas por representações textuais ou visuais sobre o Brasil, em grande parte fomentando e legitimando formas de “colecionamento do que os exploradores do Novo Mundo registravam e coletavam em suas expedições comerciais, científicas [artísticas] e navais” (Turazzi, 2016, p. 81), principalmente entre os séculos XVI a XIX, a exemplo dos artistas viajantes oitocentistas, estrangeiros e nacionais.

Tais coleções são constituídas por produções de artistas, escritores, cientistas, entre outros, estrangeiros e nacionais, que registraram a diversidade das paisagens, das sociedades, do cotidiano, das manifestações sociais, dos aspectos sociais urbanos e rurais, do vasto território que compreende o Brasil. Como resultado deste ato, temos um incalculável legado de publicações e produções sobre o país, o que ampliou significativamente o escopo do que hoje convencionou-se chamar de *brasiliiana* (Martins, 2000, p. 2).

A palavra e o termo *brasiliiana* deriva e possui como cerne originário sua aplicação e sentido enquanto adjetivo de nação e sinônimo de *brasileiro* (Coutinho, 2024, p. 17). Debruçar-se sobre os colecionadores de *brasilianas* e sobre os bens culturais que compõem essas coleções, para além de contribuir para os estudos no campo do colecionismo e das artes, é buscar compreender o processo de constituição do patrimônio brasileiro e da própria ideia de identidade nacional, forjadas em meio a violentos silenciamentos e apagamentos. Nesse intuito, conduziremos a discussão desse trabalho a partir da formação inaugural da primeira coleção e colecionador, evidenciados como pioneiros na referência dos termos “coleção *brasiliiana*”. Portanto, objetivamos compreender a gênese do termo *brasiliiana*, enquanto gênero colecionista, a partir da coleção José Carlos Rodrigues/Benedicto Ottoni, custodiada pela Biblioteca Nacional, além da influência desta sobre a ideia (narrativa) de nação.

José Carlos Rodrigues, nasceu em 1844 e faleceu em 1922, jornalista, foi dono de um dos jornais mais importantes do país à época, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Colecionador inveterado, formou um dos maiores conjuntos de obras sobre o Brasil — desde a

ocupação dos portugueses em nossas terras —, coleção essa que ganhou fama e se tornou referência nos círculos intelectuais cariocas da época. Mas foi sua disposição à filantropia que o levou a vender sua coleção — a ideia era financiar “[...] a Policlínica das Crianças. Inaugurada em 1909, era uma unidade de saúde voltada para os filhos da incipiente classe operária do Rio de Janeiro, administrada pela Santa Casa de Misericórdia” (Silva, 2024, p. 199).

A coleção, adquirida por Julio Benedicto Ottoni (1857-1926), advogado e industrial, foi doada em seguida à Biblioteca Nacional, ato que a imprensa, segundo Silva (2023), destaca como uma das grandes ofertas à Biblioteca Nacional, equiparando-se apenas à Coleção do Imperador, doada no final do século XIX, evidenciando a importância da Coleção no período e sua relevância no cenário intelectual. Ao ser incorporada ao acervo da Biblioteca Nacional, a coleção ganha o nome de seu doador, Benedicto Ottoni, mas sempre com referência à José Carlos Rodrigues, seu colecionador pretérito. “Lê-se nos ex-libris³ colados a cada um dos objetos do conjunto ‘Collecção Benedicto Ottoni // Organizada pelo Dr. José Carlos Rodrigues // Doação do Dr. Julio Benedicto Ottoni’” (Silva, 2023).

Por fim, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cuja discussão centra-se na gênese do termo *brasiliiana* a partir de revisão de literatura e debate teórico entre os autores, focando-se na capacidade das coleções passarem a ser um semióforo, ideia forjada por Pomian (1984, 1998) e reforçada por Chauí (2000), ao se debruçar sobre esse símbolo da Nação.

2 Uma Coleção do e sobre o Brasil?

O universo colecionista envolve aspectos afetivos, subjetivos, psicológicos, cognitivos, culturais e sociais dos agentes que os integram, sejam indivíduos ou instituições. O proprietário dos objetos, por atos muito singulares e carregados de significados, constitui-se enquanto colecionador. O ato de amealhar objetos que, aos olhos de um indivíduo (sujeito social), dialogam para compor uma coleção, formula o processo criativo do colecionismo, que interpõe-se entre a busca e posse de itens que o colecionador e outros agentes sociais atribuem

³ O autor se refere aqui à um Ex-Libris atribuído, ou seja, afixado à coleção por outro colecionador a fim de identificar os itens originários da coleção primeira. Esta é uma prática recorrente. Sua definição é: “O ex libris atribuído marca coleções de memória e sua principal característica é a simplicidade da etiqueta, em tamanho pequeno ou médio, com uma cercadura comumente desnudada. Inclui o nome do colecionador e, às vezes, uma inscrição necessária sobre a Biblioteca (PINHEIRO1:15). || Segundo Pinheiro (2020), o ex-libris do tipo atribuído costuma ser criado para identificar o proprietário de uma coleção, e pode, também, ser denominado ex-libris factício. Assim, essa etiqueta, que pode parecer muito simples para alguns, e por isso, muitas vezes, não é considerada um ex-libris por colecionadores mais conservadores, é utilizada para unificar acervos que não possuem marcas deixadas pelo antigo proprietário em todas as suas obras. Normalmente, o bibliotecário atribui, após identificar que aquela coleção não possui nenhuma marca que as diferencie de outras já existentes em seu acervo” (Rodrigues; Vian, 2024).

significados em um dado contexto social (Costa, 2007, p. 20), outorgando, a esses objetos, o atributo de bem colecionado ou colecionável, e até patrimônio.

A formação de um conjunto se constitui a partir da interseção de critérios pessoais e influências sociais, compondo a partir da busca e posse de objetos para a coleção, no qual agregam-se e atribuem-se valores — simbólicos — de sentidos e significados. Esses objetos, que compõe uma coleção, são denominados por Pomian (1984) de semióforos, por serem dotados de significados e representarem o invisível. Os semióforos, segundo o autor, contribuem na mediação e intercâmbio entre o visível e o invisível.

O invisível ao qual Pomian (1984, p. 66) se refere, é o “que está longe no espaço: além do horizonte [...] longe no tempo: no passado, no futuro [...]”. Os semióforos se distinguem das coisas do cotidiano por serem dotados de significados, atribuídos socialmente. Os colecionares atuam como agentes sociais que legitimam e até outorgam significados e sentidos variados aos semióforos que compõe sua coleção, significados esses que por vezes são as motivações para o desejo e cobiça desses colecionadores pelo objeto almejado.

Assim, as coleções são produtos sociais e, como tais, são resultantes do meio social e do contexto aos quais estão inseridos seus colecionadores, bem como na qual o conjunto é formado, e os objetos produzidos. Dessa forma, estudar a constituição de coleções, seus colecionadores, e ainda mais abrangente, a fabricação de um gênero colecionista, é munir-se de evidências/documentos da cultura material para compreender a relação do individuo com sua realidade, em dado contexto sociocultural. Ao compreender esses aspectos, tem-se a dimensão da importância de lançar luz sobre a formação do gênero colecionista *brasiliiana*, e sua representação simbólica, atribuída desde sua gênese, composição do patrimônio nacional, ao ser um gênero colecionista dedicado ao Brasil (Martins, 2000, p. 2).

Nessa esfera de possibilidades, centraremos a discussão do termo *brasiliiana* aplicado ao gênero colecionista, mais especificamente ao marco que é atribuído à sua gênese histórica no Brasil, cujas referências documentais remontam ao início do século XX. Contudo, é de suma importância conceituarmos contemporaneamente o termo, buscando compreender sua dimensão criativa e teórica. E para tal, nos apropriaremos conceitualmente de uma proposta de definição, que percebe a potencialidade da *brasiliiana* como:

[...] gênero de colecionismo, que mantendo sua multiplicidade de abordagens e tipologias dentro de sua unidade de referências e estudos sobre o Brasil, comprehende criativamente na constituição de um conjunto de documentos materiais e/ou imateriais de diversificadas linguagens e tipologias (o que inclui estudos, livros, publicações, selos, filmes, músicas, performances, instalações, manifestações culturais, manifestações religiosas, referências

visuais e toda ordem de documentos e fontes produzidas). Tais coleções de documentos simbolizam e/ou representam a experiência cultural e histórica da população brasileira, dotada simbolicamente da atribuição de representação acerca das ideias e narrativas sobre o país. Esses conjuntos, por sua vez, devem ser apresentados, reformulados e questionados constantemente sobre a narrativa e forma de perceber o Brasil em sua diversidade social, cultural, política, econômica, técnica e identitária – valendo-se do dinamismo que permite a constante autorreflexão e autocrítica, a partir de seus proprietários, curadores e do público (Coutinho, 2024, p. 115-116).

Compreendemos a necessidade de referenciar, através da conceituação, a potencialidade do colecionismo da *brasiliiana*, objetivando apresentar toda sua capacidade e dinamismo enquanto processo cultural criativo e performático. Todavia, a princípio, as definições que delimitavam o significado do termo eram mais restritivas, reflexo da própria dimensão *do que era colecionado* na formação dos primeiros conjuntos de *brasilianas* no Brasil.

O século XX inaugura não somente as primeiras referências documentais sobre a *brasiliiana*, como suas definições no universo das artes, especialmente enquanto gênero colecionista. A inclusão em dicionários de língua portuguesa no Brasil irá ocorrer em 1938, o que contribuirá significativamente em sua legitimação e disseminação sociocultural. Segundo Coutinho (2024, p. 61), a primeira citação ocorre no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Gustavo Barroso e Hildebrando Lima, publicado em 1938, pela Editora Civilização Brasileira. Tal dicionário é reconhecido por sua importância para a lexografia nacional (Nunes, 2010, p. 10), além de ser a “primeira tentativa de um dicionário genuinamente brasileiro, *enriquecido de grande número de vocábulos novos [...]*” (Pequeno Dicionário, 1938, p. 1, grifo nosso).

O *Pequeno Dicionário* apresenta pioneiramente a definição de *brasiliiana* como sendo “Coleção de livros, publicações, etc., sobre o Brasil” (1938, p. 136). Essa será a precursora das posteriores definições dicionarísticas que serão publicadas posteriormente, com ampliações do leque de possibilidades *do que* pode compor uma coleção *brasiliiana*. Nesse sentido, destacamos como principal aspecto dessa primeira definição, que irá influenciar as demais, o direcionamento do significado do colecionismo de *brasiliiana* para a bibliofilia, caracterizando-a às referências bibliográficas na composição de uma coleção.

A referência dicionarística de 1938 à esfera bibliófila de *brasiliiana* reflete aspectos basilares da gênese desse gênero colecionista. As primeiras menções no Brasil de coleções intituladas de *brasilianas* são coleções de livros⁴, fazendo menção a bibliotecas *brasilianas*

⁴ Os indícios documentais que evidenciam tal afirmação são os jornais impressos, principais meios de comunicação e circulação de informações durante muito tempo (Coutinho, 2024).

constituídas por homens brancos e com poder aquisitivo para a aquisição de obras raras para ocupar suas prateleiras (Coutinho, 2024).

As coleções *brasilianas* para além de conjuntos de objetos sobre o Brasil, são a seleção e fabricação de itens que são acumulados e legitimados como representantes da noção de Brasil. Como irá afirmar Turazzi (2010, p. 80), a *brasiliana* não representa unicamente a reunião de bens culturais sobre a cultura e história brasileira, mas também “um modo particular de representar ‘as palavras e as coisas’ sobre o Brasil, no Brasil”, as ideias e o patrimônio atribuídos, por meio de narrativas e discursos, como representativos da identidade brasileira.

3 A formação do gênero colecionista *Brasiliiana* no Brasil

O uso e aplicação do vocábulo *brasiliana* nas artes foi difundido no Brasil nos jornais a partir da década de 1840, principalmente na literatura, sobretudo nas obras de autoria de Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), considerado um dos primeiros Românticos brasileiros (Porto-Alegre, 1844, p. 657). O uso da palavra *brasiliana* era recorrente nos trabalhos do autor, entre os destaques está seu livro *Brasilianas*, de 1863, publicado na Áustria e distribuído no Brasil, onde “figurou a paisagem do Rio de Janeiro e a fisionomia da nação”, contribuindo para as “primeiras manifestações de uma literatura nacional” e até mesmo uma ideia de “brasiliade”, associada à diversidade cultural e natural do país (Turazzi, 2016, p. 81-82).

A palavra *brasiliana* foi usada na música, nas produções culturais, e até políticas, associada ao que é originário do Brasil, a expressão está:

[...] essencialmente vinculada ao discurso de formação da nacionalidade, e com representações que foram fabricadas ao longo do tempo, durante o século XIX e XX, sobre a nação, seu percurso e enaltecimento histórico. As imbricações entre o vocábulo *brasiliana* e a imagem da nação constituem aspectos característicos de sua própria historicidade. A *brasiliana* contribui para a leitura acerca da imagem e discurso do Brasil, de um Brasil idealizado e localizado, seja por intelectuais ou por instituições legitimadas socialmente, que possuem papel importante simbolicamente, para tal construção (Coutinho, 2024, p. 36).

A contribuição da palavra *brasiliana* foi também associada à cultura material no Brasil, vinculada à sua representação na formação de conjuntos, através do gênero colecionista homônimo, colecionada por indivíduos ou instituições de memória (museus, memoriais, bibliotecas, arquivos). É atribuído ao século XX a inauguração da palavra *brasiliana*, enquanto termo colecionista, pelos dicionários etimológicos brasileiros (Cunha; Mello Sobrinho, 1986, p. 122; Cunha, 2010, p. 100), sem, contudo, associar precisamente o ano. Porém, pesquisas

atuais, como a de Coutinho (2024), definem dois importantes marcos, tendo como fontes primárias as publicações periódicas (jornais, anuários, revistas), como sendo as possíveis datas suprimidas nos dicionários: a primeira referência de um conjunto intitulado *brasiliana* e a primeira menção atribuindo uma coleção ao gênero colecionista *brasiliana*.

A primeira atribuição é no âmbito da cartofilia, refere-se ao conjunto de cartões-postais intitulado *Collecção “Brasiliana” de Vulgarização dos Fastos da História Nacional*⁵, produzido a partir de 1906, pelo escritor e empresário sul-rio-grandense João Simões Lopes Neto (1865-1916), sendo noticiada em 6 de junho de 1907, pelo jornal *Correio Paulistano* (Collecção Brasiliana, 1907, p. 3). A impressão dos postais aconteceu em Pelotas, destinada, principalmente, ao ensino escolar, atraindo posteriormente os olhares de colecionadores da área. Simões Lopes Neto planejou a publicação em 12 séries de 25 cartões-postais ilustrados, entretanto, possivelmente por motivos de ordem econômica, foram publicadas apenas 2 séries de 25 cartões distintos (Coutinho, 2024; Diniz, 2003).

Os cartões-postais da *Collecção Brasiliana*, de Simões Lopes Neto, foram produzidos com ilustrações monocromáticas e policromadas, com estampas alusivas “[...] a personagens, datas comemorativas, episódios históricos, emblemas e símbolos rio-grandenses e nacionais considerados, por Lopes Neto, fatos oficiais e importantes para sua concepção de escrita da história nacional” (Coutinho, 2024, p. 45).

Se em 1907, temos a primeira menção à palavra *brasiliana* indicando um conjunto de cartões-postais, a primeira referência efetivamente vinculada ao gênero colecionista *brasiliana* - referindo-se a uma coleção de bens culturais ou ao colecionador(a) - ocorre somente em 1911.

Vale ressaltar que anteriormente ao período de 1911, as coleções dedicadas ao Brasil eram referenciadas nos jornais como *estudos brasileiros* ou *brasiliense*. Seus proprietários além de colecioná-las, descreviam-nas também, publicando-as em catálogos para disseminação e legitimação entre os pares, prática usualmente estimulada até os dias atuais.

A mais notória referência, menção inaugural do gênero colecionista, ocorre em 10 de julho de 1911, quando o jornal cuiabano *O Commercio* noticia a *Offerta da bibliotheca que foi do dr. José Carlos Rodrigues á Bibliotheca Nacional*, com a seguinte nota:

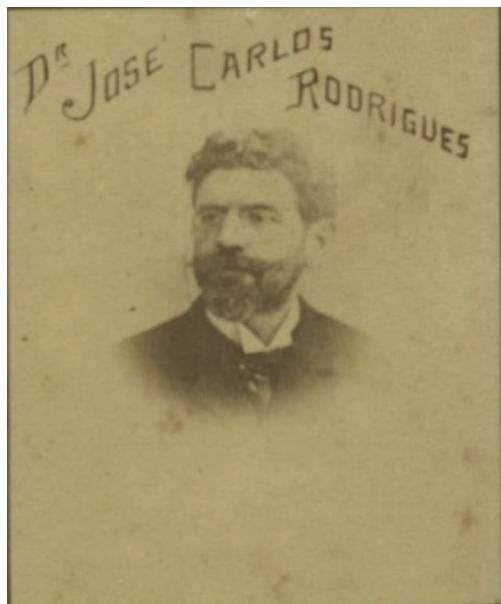
O intendente dr. Julio Ottoni offereceu á Bibliotheca Nacional a celebre *bibliotheca brasiliiana* que foi de propriedade do dr. José Carlos Rodrigues, e que aquelle cavalheiro adquiriu por elevada somma. Essa bibliotheca é reputada uma das mais notáveis entre as conhecidas (Offerta da Biblioteca, 1911, p. 1, grifo nosso).

⁵ Para mais informações sobre os cartões-postais da *Collecção Brasiliana* de Simões Lopes Neto, consultar Coutinho (2024, p. 40-52).

A menção faz referência à coleção adquirida, em venda pública, pelo advogado e industrialista Júlio Benedicto Ottoni (1857-1926). Após a aquisição, Ottoni doou a *biblioteca brasiliiana* à Fundação Biblioteca Nacional (BN), em 1911. A doação foi realizada sob algumas condições, da qual destacamos duas: a primeira, tratava-se da permanência da coleção no local designado pela Biblioteca Nacional, garantindo a formação e integralidade do conjunto doado. Em segundo, que a *biblioteca brasiliiana* recebesse o sobrenome do doador, tornando-se institucionalmente, *Coleção Benedicto Ottoni* (Coutinho, 2024, p. 57).

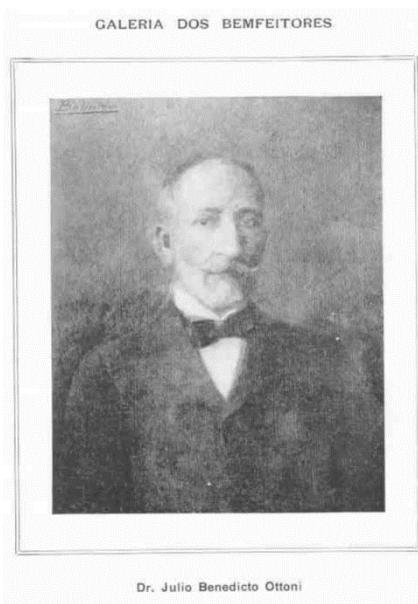
Vale evidenciar que a referida *biblioteca brasiliiana* não recebe, quando da doação à BN, referência em seu título de seu proprietário anterior, e quem a constituiu, José Carlos Rodrigues (1844-1923), por solicitação do próprio Rodrigues, que desejou a vinculação do nome Benedicto Ottoni intitulando o conjunto *brasiliiana* e não o dele (Silva, 2023).

Figura 1 – José Carlos Rodrigues



Fonte: Silva ([1882 e 1903]).

Figura 2 – Júlio Benedicto Ottoni



Fonte: Anais da Biblioteca Nacional (1914)

Pinheiro (2025) refere-se no texto *Sobre a Coleção Brasiliiana da Biblioteca Nacional* à coleção doada por Júlio Ottoni, intitulando-a de *brasiliiana-brasiliense de Rodrigues-Ottoni*, em uma evidente referência à preservação das valiosas procedências desta coleção, ao passo que preserva aspectos biográficos da trajetória social desse conjunto. O valor e mérito dessa *biblioteca brasiliiana* figura-se por seus proprietários (José Rodrigues – Benedicto Ottoni – Biblioteca Nacional), que por si só já apresentam destacada relevância, mas também, por ser a

primeira referência, até o momento identificada, intitulada de *brasiliiana* dentro do gênero colecionista, sendo então, precursora das bibliotecas *brasilianas* no Brasil.

4 A coleção *Brasiliiana* de José Carlos Rodrigues

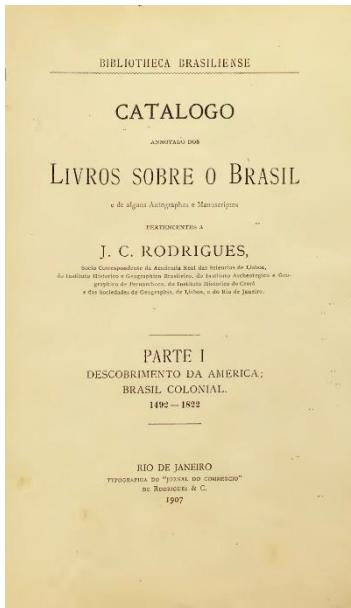
José Carlos Rodrigues, segundo Sacramento Blake (1898, p. 379) era:

[...] Filho de Carlos José Alves Rodrigues e nascido em Cantagallo, Rio de Janeiro, em julho de 1844, é bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de S. Paulo, onde formou-se em 1864, tendo sido um dos estudantes mais distintos desta faculdade. Retirando-se em 1866 para os Estados Unidos da America do Norte, ahi, como jornalista, elevando-se, elevou ao mesmo tempo a sua patria. Director e principal redactor do Jornal do Commercio, pertence a algumas associações de letras e sciencias e é commendador da ordem de S. Thiago de Portugal, de cujo governo recebeu depois o titulo de conselho (Sacramento Blake, 1898, p. 379).

Apesar de seu perfil jornalístico e estreitos laços com as elites políticas e intelectuais do período, é, também, com sua coleção, que José Carlos Rodrigues concebeu como sua biblioteca *brasiliiana*, que há um grande louvor e clamor para o personagem. Reconhecida e admirada entre outros colecionadores, principalmente a partir de 1907, quando ganha maior repercussão e notoriedade entre os pares (bibliófilos, intelectuais, leiloeiros, antiquários, livreiros, entre outros colecionadores), devido à publicação da *Bibliotheca Brasiliense: catalogo annotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscriptos pertencentes a J. C. Rodrigues*. Trata-se de um catálogo bibliográfico e referencial de parcela de sua coleção⁶. Essa publicação é considerada referencial de consulta na época e até os dias atuais, para amadores e colecionadores bibliófilos, sobre produções e estudos sobre o Brasil.

⁶ Ao final do catálogo é apresentado o índice dos principais assuntos, por ordem alfabética: África; Agricultura; Alagoas; Amazonas; América, seu descobrimento, etc.; Arte Militar, Exercitos; Ásia; Assucar; Bahia; Benedictinos; Biographia; Bibliographia; Bolivar; Botanica e Sciencias Naturaes; Capuchinhos; Carmelitas; Ceará; Chile; Colombo; Cosmographia e Geographia; Commercio; Dominio Hollandez; Duguay Trouin; Egreja e Estado; Ensino Publico; Escravos e Negros; Estados Unidos; Finanças – Banco o Brasil; Franciscanos; Goyaz; Guyanas; História do Brasil; Historia de Portugal e Hespanha; Ilheos; Indios, seus costumes, conversão, etc.; Industrias; Jesuitas; João VI e Pedro I; Legislação e Direito; Línguas Americanas; Litteratura; Magalhães, Estreito; Magistratura e Justiça; Manuscriptos; Mappas; Maranhão; Mathematica; Matto Grosso; Medicina; Mexico; Minas Geraes; Navegação, Roteiros; Pará; Paraguay; Parahiba; Periodicos; Pernambuco; Perú e Bolivia; Piauhy; Poetas; Politica Luso-brasileira; Rio Grande do Sul; Rio de Janeiro; Rio da Prata; Santa Catharina; São Paulo; Sergipe Sermões, Pastoraes, etc.; Tiradentes; Tratados; Venezuela, Nova Granada. Colombia; Vespucio; Viagens (Rodrigues, 1907, p. 663-680).

Figura 3 – Contracapa do *Bibliotheca Brasiliense: catalogo annotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscriptos pertencentes a J. C. Rodrigues*.



Fonte: Rodrigues, 1907.

A *Bibliotheca Brasiliense* era um recorte da coleção de Rodrigues, que abordava o “Descobrimento da América: Brasil colonial, entre 1492-1822” (Rodrigues, 1907). Essa publicação era composta pela descrição de repertórios bibliográficos e parte da coleção de Rodrigues, descrevendo e listando os exemplares das obras de parcela temática da biblioteca. Segundo Caldeira e Carvalho (1982), essa publicação,

[...] refere-se ao período colonial, constituindo-se em um importante subsídio para a bibliografia brasileira, por referenciar publicações estrangeiras e nacionais sobre o Brasil. Inclui 2.646 itens (livros, decretos, gazetas, periódicos no todo, brasileiros e estrangeiros) [...] É a fonte mais conhecida e utilizada por bibliófilos, embora não tenha sido lançada a segunda parte, sendo também o primeiro livro composto em linotipo no Brasil. Pode-se fazer algumas críticas sobre esta obra que, sem dúvida, não limitam seu mérito, como a falta de critérios seguros para a entrada de nomes próprios e erros na transcrição dos títulos e no arranjo, bem como erros tipográficos e falta de uma revisão mais acurada. Há também obras que ultrapassam esse assunto sendo, na verdade, uma bibliografia latino-americana. Organizada em ordem alfabética de sobrenome dos autores, traz referências numeradas, o valor pago pelo autor na compra da obra e um resumo onde se destaca a cultura geral e histórica do autor, seu conhecimento do valor de uma obra em relação às outras. Inclui índice para os assuntos (Caldeira; Carvalho, 1982, p. 27).

Essa publicação é uma verdadeira arqueologia sobre o colecionismo de *brasiliiana* de Rodrigues, contendo referências dos títulos, preços e procedências das aquisições, sendo um autorretrato de parcela de sua biblioteca. Outros autores e bibliófilos também irão reconhecer e

evidenciar a importância do catálogo, considerada por Rubens Borba de Moraes (1965, p. 107, grifo nosso), “a melhor bibliografia de *brasiliiana* que se escreveu. Tornou-se, justamente, a Bíblia dos bibliófilos desta especialidade”.

Significativa era a dimensão da coleção *brasiliiana* formada por Rodrigues, inicialmente intitulada de *brasiliense* (Rodrigues, 1907), que em 1911, quando da doação à Biblioteca Nacional por Ottoni, foi reconhecida “como uma das notáveis entre as conhecidas” (Offerta da Bibliotheca, 1911, p. 1), além de ser qualificada pelo *Jornal do Commercio* como “donativo régio” (Um Donativo, 1911, p. 1), tamanha sua relevância. Chegando a ser afirmado que “apenas a que [doação] Dom Pedro II fizera em seu exílio seria ‘superior’ à [coleção doada] de Julio Ottoni” (Silva, 2023).

A coleção reunida por José Carlos Rodrigues, conhecida como Biblioteca Americana, foi vendida a Júlio Benedito Ottoni, que a doou à Biblioteca Nacional em 1911. Em setembro de 1916, o colecionador José Carlos Rodrigues doou diretamente à Biblioteca Nacional 2.015 volumes de impressos. Alguns desses documentos pertenceram a Euclides da Cunha.
[...]

Estima-se que o acervo doado era composto por mais de 15 mil peças, entre manuscritos, impressos, estampas, desenhos, mapas. De acordo com anotações de Waldir da Cunha, a documentação sob a guarda da Divisão de Manuscritos continha 7.710 documentos, sendo 2.319 avulsos e 5.391 em 113 volumes e 63 plantas e mapas, anexos a códices. Outros documentos como livros, periódicos, mapas e documentação iconográfica encontram-se guardados nas respectivas áreas sob a denominação de coleção Benedito Ottoni. Na Divisão de Manuscritos, também ocorrem alguns registros como coleção Benedito Ottoni.

Constam do acervo manuscrito correspondência de José Carlos Rodrigues sobre assuntos diversos relativos à política e aos periódicos *Jornal do Comércio* e *Novo Mundo*, textos sobre questões internacionais (Canal do Panamá, litígio entre Brasil e França, tratados entre Brasil e Inglaterra etc.) e nacionais (Cia. Oeste de Minas, revolução no Sul, 1868, café, saneamento público, escravidão, mineração etc.), literatura brasileira e portuguesa e assuntos de caráter particular.

Destacam-se na coleção uma carta patente (1568) de d. Sebastião, rei de Portugal, documentos de d. João VI, d. Pedro I e d. Pedro II, de presidentes da República Velha, notas de Campos Salles sobre a Questão do Acre, álbuns de desenhos e estampas de Alexandre Rodrigues Ferreira sobre a Expedição ao Pará, adquiridos em leilão em Paris pelo colecionador, documentos que pertenceram a Euclides da Cunha, carta de Duque de Caxias, texto manuscrito autógrafo (1830), do escritor alemão Goethe (1749-1832) entre outros. Assinaturas do rei Sebastião e de Bartolomeu da Fonseca, 1572 (Perez, 2018, p. 351).

O gênero colecionista *brasiliiana* nasce vinculado à bibliofilia⁷, à literatura, à produção artística e literária do romancista Manuel de Araújo Porto-Alegre, no século XIX. Tendo como berço os anseios de intelectuais e colecionadores de constituir referências materiais que representassem a ideia e narrativas que estavam sendo fabricadas sobre o Brasil, símbolos que “afirmavam” esses discursos de nacionalidade, instituindo dessa forma parcela do patrimônio nacional. Fato este corroborado pela incorporação da coleção à Biblioteca Nacional, local natural de preservação do patrimônio nacional, sobretudo o bibliográfico.

5 A *Brasiliiana* como semióforo da nação

A *brasiliiana* de José Carlos Rodrigues figura como uma coleção sobre e da nação brasileira, assim como tantas outras, ao se debruçar sobre livros e demais documentos que versem sobre o país, produzidos por nacionais ou estrangeiros. De fato, a coleção representa seu colecionador e o contexto ao qual é colecionada, conforme acepção de Pomian (1984). Chauí (2000) observa que o período em que a coleção é criada e se desenvolve é conhecido como a da “ideia da nacional”, onde as mentes imaginaram, tomando a acepção de Anderson (2008), o que seria a nação, tal período, segundo a autora, vigora de 1880 a 1918.

Coincide, portanto, com o Romantismo nas Letras — com Porto-Alegre como um dos precursores, remetendo ao período e estilo histórico, bem como à constituição das *brasilianas* —, os primeiros grandes estudos de história nacional e pela forte influência do Positivismo Comtiano, além da passagem da Monarquia para a República. Rodrigues, como proprietário de um dos jornais mais importantes da Capital à época, o *Jornal do Commercio*, detinha contatos e levantava bandeiras, como a republicana e a abolicionista — além de seu elevado *status* social e aquisitivo, pois como afirma Rubens Borba de Moraes, “*Brasiliiana* é um assunto caro” (1965, p. 173, grifo nosso) —, o que parece ter facilitado, e até privilegiado, o colecionamento das obras.

É em um contexto de forja de símbolos nacionais que a *brasiliiana* de Rodrigues se destaca, se aproximando, assim, da ideia de um semióforo. Chauí (2000, p. 8) destaca que:

[...] é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói,

⁷ “[...] paixão pelos livros, sobretudo raros e que contêm alguma particularidade especial” (Faria; Pericão, 2008, p. 95).

possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação.

Assim, um semióforo é uma coisa ou coisas que irão ter seu papel primário suprimido para servir de ponte entre o passado e o presente, o visível e o invisível, através das atribuições de significados e valores (Pomian, 1998). A coleção de livros de José Carlos Rodrigues cessa de ser apenas a coleção de uma pessoa quando a alcunha *brasiliiana* lhe é imposta, daí em diante ela passa a agregar uma constelação de significados, a contribuir na definição do que é a nação brasileira, constituindo como cultura material e patrimônio nacional.

Exposto ao olhar, em um primeiro momento pelo seu Catálogo⁸ e, posteriormente, com a doação à Biblioteca Nacional, a coleção *brasiliiana* é celebrada como uma das mais importantes coleções da instituição, de uma instituição de salvaguarda do patrimônio nacional. O legado de Rodrigues forja um semióforo, já que:

O semióforo desvela o seu significado quando se expõe ao olhar. Tiram-se assim duas conclusões: a primeira é que um semióforo acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração; a segunda, mais importante, é que a utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos: quanto mais carga de significado tem um objecto, menos utilidade tem, e vice-versa (Pomian, 1984, p. 72).

Nesse sentido, a coleção de Rodrigues não está mais em um circuito de trocas comerciais ou suscetível de utilização quando o colecionador bem deseja, ao se tornar patrimônio nacional, com sua patrimonialização devido à incorporação à Biblioteca Nacional, ela passa a representar algo mais, a nação brasileira. Ela passa a compor uma nova lógica colecionista sob a diretriz de um novo colecionador, nesse caso, a Biblioteca.

Responsável por parte da Coleção Nacional (Juvêncio 2024), que representa a nação e fabrica a imortalidade do que é nacional, a Biblioteca Nacional tem estreita relação com a construção de um patrimônio, de um legado. Assim, as coleções de livros, como a de Rodrigues, se encaixam em um tipo específico de patrimônio, o bibliográfico. De modo amplo, Faria e Pericão (2008, p. 565) conceituam patrimônio bibliográfico como “[...] conjunto das espécies bibliográficas, seja qual for o seu tipo de suporte, acumuladas ao longo dos séculos e que veiculam a herança cultural de um povo”.

Por sua vez, Araújo (2020) comprehende tal noção de forma mais alargada, relacionando-a ao legado cultural e à categoria documental, tendo em vista que algumas correntes teóricas

⁸ Abordado na seção anterior.

posicionam o patrimônio bibliográfico ao lado do arquivístico compondo o patrimônio documental. Araújo (2020, p. 84) declara que ele deve:

[...] ser entendido como a materialização em livros ou textos impressos do conjunto de manifestações produzidas pelos integrantes de uma sociedade na esfera científica, artística, intelectual, entre outras. Neste sentido, o patrimônio bibliográfico é uma modalidade do patrimônio documental, sendo ambos, por sua vez, parte do patrimônio cultural.

Já Jaramillo e Marín-Agudelo (2014, p. 428, tradução e grifos nossos) observam que:

Para fins de pesquisa, patrimônio bibliográfico é definido como: qualquer documento que represente ou seja a expressão da identidade cultural de um conglomerado social, *comunidade ou nação*, publicado em qualquer suporte (papel, magnético, acetato, óptico ou microforma), independentemente do formato de sua apresentação (livro ou monografia, brochura, cartaz, cartografia, revista, boletim ou imprensa); que seja produzido com a intenção de divulgar um conhecimento ou uma ideia de um grupo ou comunidade, para efeitos de distribuição, *ou que seja produto de um momento histórico ou de valor simbólico para essa comunidade*, dado que confere e reforça a sua identidade cultural. Em qualquer caso, o documento bibliográfico patrimonial reúne pelo menos uma das seguintes características: originalidade (autenticidade), singularidade (insubstituível), *valor simbólico*, valor de conteúdo ou valor estético.

Nesse sentido, retomamos a acepção de semióforo, o patrimônio bibliográfico representado pela *brasiliiana* de José Carlos Rodrigues possui valor simbólico e de legado inegável à cultura e memória nacional, representando a produção intelectual sobre um Brasil em formação (visível e invisível) àquela época. Partícipe ativa na construção de uma imaginação nacional (Anderson, 2008) sobre o que é a Nação.

Nesse ponto, retomamos a noção de uma coleção nacional (Juvêncio, 2024), onde no rol de instituições cuja missão é salvaguardar a memória nacional, a Biblioteca Nacional é partícipe ativa, uma vez que forja identidades e memória nacionais. Assim, ao ser incorporada a um acervo com tantos outros semióforos nacionais, a *brasiliiana* de Rodrigues será mediada entre o visível e o invisível pelo olhar, pela exposição, sempre articulada e calculada sobre o que ela representa.

A exposição, nesse sentido, retoma a ideia de Desvallées; Mairesse (2013), de uma mediação em que a vitrine é a barreira entre o mundo real e físico, o visível, e o mundo imaginado, invisível, que tem os semióforos como seu intermediador. Portanto, é na interação

entre o visível e o invisível que se forja o semióforo e toda a sua gama de significados e símbolos, como os que cercam a *brasiliiana* de José Carlos Rodrigues.

6 Considerações finais

A coleção, o ato de colecionar por si só, existe porque há uma ligação invisível entre todos os objetos que a compõe, o fio condutor que norteará todos os itens colecionados e que comporá seu rol de significados e significantes, que perpassa por diversas camadas de atribuições de valores.

No caso da coleção de José Carlos Rodrigues (Coleção Benedcito Ottoni) o fato que liga todas as obras é o Brasil. O jornalista ao longo de sua vida reuniu extensa coleção sobre o país, juntando milhares de itens que compuseram a imaginação sobre a Nação. De fato, tal coleção não isenta de sentidos, ela é a expressão de um momento político-social de nosso país, surgindo em um momento de afirmação e conformação do que era o Brasil e o brasileiro.

Inserido nas disputas entre monarquistas e republicanos, abolicionistas e escravagistas, em uma país que o furor nacional começa a crescer, a exemplo da Europa, a partir de 1870, a *brasiliiana* de Rodrigues surge como semióforo de uma Nação em busca de identidade, de suas origens. Fruto do século XIX, onde as ciências experimentam sua profissionalização e aprimoramento de forma intensa, com inventário de espécies e territórios, o inventário de obras (ou uma bibliografia nacional, como o próprio Rodrigues menciona na introdução de seu Catálogo de 1907) servia como uma forma de afirmar o nacional e ajudar a construir a história da jovem Nação.

Expressão da literatura, cultura, ciência, o livro faz perdurar todo um ideário sobre os espaços, as pessoas, os países, é no livro que o legado, como patrimônio bibliográfico, se consolida e repercute no futuro. Prova disso, é que mesmo após mais de 100 anos, a doação da coleção à Biblioteca Nacional ainda reverbera em estudos que questionam não a sua constituição, mas seu significado, seu simbolismo para a Nação, para a instituição e para o colecionador.

A *brasiliiana* de José Carlos Rodrigues contribui duplamente na constituição do patrimônio outorgado como nacional: ao ser documento/legado (bem cultural) e ao contribuir na forma de escrita da própria ideia histórica e cultural de nação, sendo então, suporte e escrita dessa narrativa.

Referências

ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, v. 36, 1914. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/402630/per402630_1914_00036.pdf. Acesso em> 20 fev. 2025.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e difusão do Nacionalismo. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ARAUJO, Jullyana Monteiro Guimarães. A coleção especial como patrimônio bibliográfico no Brasil: uma abordagem conceitual. *Memória e Informação*, v. 4, n. 2, p. 75-97, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/132/89>. Acesso em: 20 fev. 2025.

CALDEIRA, Paulo da Terra; CARVALHO, Maria de Lourdes Borges de. Fontes para o estudo da Brasiliana. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 25-33, jan./jun. 1982.

CHAUÍ, Marilena. A nação como semióforo. In: CHAUÍ, Marilena. *Brasil*: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Ábramo, 2000.

COLLECÇÃO Brasiliana. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 6 jun. 1907.

COSTA, Paulo de Freitas. *Sinfonia dos objetos*: a coleção de Ema Gordon Klabin. São Paulo: Iluminuras, 2007.

COUTINHO, Paula Andrade. *Brasiliana*: um gênero do colecionismo sobre o Brasil, da gênese à atualidade. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2024.

CUNHA, Antonio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Cláudio. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto*: uma biografia. Porto Alegre: AGE: UCPEL, 2003.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro*: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EDUSP, 2008.

JARAMILLO, Orlando; MARÍN-AGUDELO, Sebastián-Alejandro. Patrimonio bibliográfico en la biblioteca pública: memorias locales e identidades nacionales. *El Profesional de la Información*, v. 23, n. 4, p. 425-432, 2014. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es//index.php/EPI/article/view/epi.2014.jul.11>. Acesso em: 10 fev. 2025.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. *A biblioteca e a nação*: entre catálogos, exposições, documentos e memória. Curitiba: Appris, 2024.

MARTINS, Carlos (org.). *Revelando um acervo: Coleção Brasiliana – Fundação Rank-Packard/Fundação Estudar*. São Paulo: Bei Comunicação, 2000.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, v. 3, n. 1/2, p. 6-21, 2010.

OFFERTA da bibliotheca que foi do dr. José Carlos Rodrigues á Biblioteca Nacional. *O Commercio*, Cuiabá, p. 1, 10 jul. 1911.

PEQUENO dicionário brasileiro da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

PEREZ, Eliane (org.). *Guia de coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/producao/publicacoes/guia-colecoes-divisao-manuscritos-fbn>. Acesso em: 20 fev. 2025.

POMIAN, Krzysztof. Colecção. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi: memória – história. [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. p. 51-86, v. 1.

POMIAN, Krzysztof. *História cultural, história dos semióforos*. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araujo. O Voador. Brasiliana a Bartholomeu Lourenço de Gusmão: dedicada ao ultimo dos três. *Minerva brasiliense: jornal de sciencias, letras e artes*, Rio de Janeiro, p. 657, 1 set. 1844.

RODRIGUES, José Carlos. *Bibliotheca Brasiliense*: catalogo annotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscripts pertencentes a J. C. Rodrigues. Parte I. Descobrimento da America: Brasil colonial. 1492-1822. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1907.

RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon. *Glossário de marcas de proveniência*. Rio Grande: FURG, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/terms/336>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario bibliographico brazileiro* (v. 1-7). Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1893-1902. Disponível em: <http://www.brasiliiana.usp.br/bbd/search?fq=dc.contributor.author%22Blake,+Augusto+Victorino+Alves+Sacramento,+1827-1903%22>. Acesso em: 22 fev. 2025.

SILVA, A. Elias da. **[Personalidades brasileiras: retrato]**. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [entre 1882 e 1903]. 1 foto, papel albuminado, p&b, 21,9 x 14,5 cm em Cartão-suporte: 25,4 x 17,3 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon684316/icon684316.jpg. Acesso em: 20 fev. 2025.

SILVA, Iuri Azevedo Lapa e. *O colecionador e o doador*: a coleção Benedicto Ottoni.

Biblioteca Nacional: 200 anos. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-nacional-200-anos/as-colecoes-formadoras/o-colecionador-e-o-doador-a-coleccao-benedicto-ottoni/>. Acesso em: 27 abr 2023.

SILVA, Iuri Lapa e. A coleção Benedicto Ottoni e práticas colecionistas na Biblioteca Nacional. In: JUVÊNCIO, Carlos Henrique; CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *A Biblioteca Nacional*: instituição, coleções e imaginário social. Belo Horizonte: Fino Traço, 2024. p. 187-216.

TURAZZI, Maria Inez. Coleção Geyer: a polissemia de uma brasiliiana. In: MALTA, Marize et al. *Histórias da Arte em coleções*: modo de ver e exibir em Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016, p. 79-88.

UM DONATIVO régio. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 1, 7 jul. 1911.